

FENOMENOLOGIA DINÂMICA¹

Joaquim Carlos Araújo

Ao sonho humano criador de imagens corresponde
o poder ontológico que produz imagens e figuras.
E. Fink, *Nietzsches Philosophie*.

1. Sumário

Pretendemos neste pequeno trabalho contribuir com uma novidade para o estudo da fenomenologia aplicada ao campo do imaginário. Trata-se de um conjunto de ideias que permitirão elaborar uma leitura fenomenológica da obra estética de Gaston Bachelard (1884-1963).

Em primeiro lugar, abordaremos a noção husserliana de *modificação de neutralidade* como forma de abrir caminho à interpretação da imaginação bachelardiana das matérias.

Seguidamente, apresentaremos algumas teses que demonstrem a possibilidade de uma nova fenomenologia, a *fenomenologia dinâmica*.

Concluiremos com uma espécie de introdução a uma outra atitude fenomenológica baseada na *topoanálise* e no *ego desperto da imaginação activa*.

¹ Comunicação apresentada ao Seminário: *Evidência e Interpretação* que decorreu na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa durante os dias 18 e 19 de Maio de 2000, integrado no «Colóquio dos 100 anos das *Logische Untersuchungen* de Husserl».

2. Introdução: uma nota sobre Husserl e a consciência estética

Partindo do conceito de *neutralização*, ou seja, *privar de validade, não decidir, pensar sem tomar partido*, temos que o fluxo egológico das vivências pode ser constantemente alterado pela neutralidade, quer dizer, pela *modificação de neutralidade (neutralitätsmodifikation)* enquanto possibilidade constante relativa a todos os modos da consciência. A *consciência de imagem* (presentificação por representante físico), as disposições, os sentimentos, as *paixões da alma*, todas as modalidades dóxicas de um modo geral são, igualmente, afectadas pela modificação de neutralidade. A plurivocidade desta expressão, em Husserl, afecta a clareza, brevidade e o distinto modo da sua definição. Não obstante, como refere Fink, interpretemos essencialmente a modificação de neutralidade como «uma modificação específica da crença na experiência: uma crença sob o modo do como-se [*als ob*]».² Ela, enquanto *constituição de aparência* (como-se), é um modo primário de ser do *ego* puro e depende da liberdade deste último para existir segundo uma *inautenticidade* das suas produções constitutivas, se quisermos, segundo uma constituição neutra ou de aparência, de engano, ilusão – quando a consciência (neutra) retém o visado sob o modo do como-se neutro,³ do *quasi*. É errado, no entanto, identificar, de ânimo leve, imaginação e neutralização. Aprender um objecto sensível enquanto imagem supõe também uma consciência imaginante (se bem que de um tipo outro). Com efeito, a presentificação (que pode ser ou não posicional) é o processo fundamental de toda a consciência imaginante (*eingebildeter*). Mas, no caso de esta ser neutra, temos aberta a via para outra espécie de modificação imaginativa, a neutralização ou *consciência estética*⁴ – que de resto Husserl pouco explorou.

² «La modification de neutralité désigne alors une modification spécifique de la croyance en l'expérience: une croyance sur le mode du comme-si» (Fink, E., *De la Phénoménologie*, traduit de l'allemand par Didier Franck, avec un avant-propos de E. Husserl, Paris, Ed. de Minuit, Arguments, 1974, p. 84).

³ *Como-se* neutro neste caso, pois também se considera um *como-se* conforme à modificação de representação (cf. Fink, *ob. cit.* p. 84). Contudo, e de um modo geral, o *como-se* é «o único carácter descritivo fundamental de todas as representações» (Fink, *ob. cit.* p. 70).

⁴ Numa exposição de arte, se quisermos – e por relação à temática bachelardiana da representação estética – percepciono determinada gravura em cobre que me prende a atenção: a gravura de um cavaleiro num torneio medieval, o que, por exemplo, me faz interrogar de que época seria. Assim, a gravura é presentificada, num acto dóxico ou posicional de interrogação, à minha consciência. Nesta, *aparece* por abstracção uma figura-imagem, um objecto intencional que reproduz ou que se parece com a figura-coisa – *consciência de imagem por representação física*. Ora, a certa altura, depois de me aproximar e de a observar com um pouco mais de atenção, a minha imaginação, a liberdade radical do meu ego, solicita o meu pensamento (juízos) para um outro modo de ser da minha consciência e, por gozo estético, esqueço esse mundo das realidades onde me encontro (na sala de um Museu de Arte Antiga). Apesar de o meu *modo de apreensão* ser o mesmo (pois continuo a ver o

Por exemplo, se me bastar a obra de arte como simples aparência, recortada da esfera ontológica, sem relação alguma à realidade que ela representa, após sucessivas neutralizações desde o acto primeiro da percepção da obra até à simples presentificação imaginante sem carácter posicional. Seria esta, no dizer de Manuela Saraiva, a atitude puramente estética que, não se reduzindo a um ou outro grau de imaginação, abriria as portas à *irrealidade* peculiar do universo artístico, a uma (nova) percepção artística.⁵

Uma primeira conclusão: o acto de imaginação é sempre presentificativo, mas nem sempre é neutralizante. Quando se neutraliza o carácter da crença (*Glaube*) – esse «carácter fundamental da intencionalidade», como refere Husserl⁶ – surge a *imaginação livre* – tratando-se ainda da mesma matéria intencional. Compreende-se portanto a familiaridade existente entre *imaginação livre* (fantasia) e *consciência estética*. A neutralização imaginante faz com que o sujeito aceda à dinâmica da função estética, ao jogo ou movimento constante entre o real e o irreal, entre o que existe perante a minha percepção e o que eu imagino mediante a minha liberdade de fantasiar – que em última instância é sempre e de algum modo referida à primeira. O

cavaleiro e tudo o que envolve a sua imponente figura), já o não é a minha relação psicológica com o modo de *existência* dessa gravura enquanto imagem mental ou objecto intencional na minha mente: limito-me a um mais restrito entendimento ou compreensão do sentido que a gravura me comunica. Quer dizer, já *neutralizei* (ou deixei de tomar posição perante) esse acto primeiro de percepção, e fiz, talvez sem o querer, com que ele perdesse a força do real, tornou-se *irreal*. Pela neutralização, a gravura como volume, em cobre, etc., por assim dizer desapareceu, para ser *substituída* pela obra de arte. A minha consciência está, de momento, preenchida com uma outra modalidade dóxica de relação à existência desse objecto intencional, ou seja, o *acto de crença* foi anulado e surgiu uma simples presentificação imaginante sem carácter posicional. Eu sei que o cavaleiro não está ali mas imagino-o, *sinto-o* etc., *como-se* estivesse. No entanto, se essa presentificação é novamente neutralizada (por exemplo, se não penso sequer o cavaleiro como existente ou não existente) então, experiencio um outro grau fenomenológico de neutralização.

⁵ «Parece-nos portanto que as realidades presentificadas irrealmente coincidem exactamente com as manchas de cor ou os traços a carvão que lhe servem por assim dizer, de *corpo* irreal. A obra de arte, perdida como realidade mundana, faria apelo, neste caso, não à imaginação presentificante, mas a uma espécie nova de percepção, a percepção artística», (Maria Manuela Saraiva, “O primado da percepção e a concepção da obra de arte em Husserl”, In *Revista da Universidade de Coimbra*, 1965, p. 85). Partindo da análise de uma “primeira época” de textos originais de Husserl, fase que culmina com a edição do primeiro volume das *Ideen* (1913), descobre a autora uma “ambiguidade fundamental” do pensamento husserliano sobre tal matéria (e que canoniza o ideal platónico de *mimesis* da arte realista já em declínio nessa altura): identificação da atitude do artista a uma simples presentificação posicional. No entanto, englobando a fase compreendida entre *Ideen II* e *Formal und Transzendental Logik* (no fim da vida do filósofo), conclui, por outro lado, o “abandono” da noção de *presentificação* e o apelo à *modificação de neutralidade* para interpretar o que o próprio Husserl (já chamava, em *Ideen I*, o “estético puro” (*ob. cit.* p. 104, *passim*).

⁶ Citado em Maria Manuela Saraiva, *L’imagination selon Husserl*, Martinus Nijhoff, La Haye, 1970, p. 180.

mesmo acontece com a consciência simbólica. De facto, para o autor das *Logische Untersuchungen*, tanto a obra romanesca, a literatura de ficção, como as artes plásticas de um modo geral, são unificadas por este tipo de neutralização.⁷

Consideremos então que a própria literatura retirará os seus dividendos de uma fenomenologia dinâmica, de uma fenomenologia que, assumindo a sua personalidade própria, abordará o tema das presentificações neutras, abrindo assim a via para outra espécie de modificação imaginativa, a consciência estética.

3. A Fenomenologia dinâmica

A nossa tese é a seguinte: purificada pela *epoché*, a realidade circundante (dada pela consciência de imagem por representação física) organiza-se imaginariamente enquanto transcendência neutralizada que, no caso vertente, faz dos objectos uma força, ou seja, os volumes, as linhas, etc., são substituídas pela simples aparência recortada da esfera ontológica e presentificada à consciência sob uma outra dimensão, a do *cogito do devaneio*: se sonho o mundo, o mundo existe como tal.

É por isso que a análise dinâmogénica da consciência imaginativa se propõe alcançar uma maior amplitude do que a própria fenomenologia clássica – à qual Bachelard tanto deve. E, se assim é, cabe-nos perguntar: o que é que se advoga, a caução filosófica da tese fenomenológica ou a sua ultrapassagem, pelo menos nos moldes clássicos da escola alemã?

Ora, se bem que a atitude e o método da descrição fenomenológica sejam permanentes, denota-se, de igual modo, no *corpus bachelardiano*, tanto nas abundantes obras sobre ciência como nos não menos férteis exemplos de trabalhos sobre estética, uma constante intenção para exceder a própria fenomenologia. Mais especificamente, utilizar o método fenomenológico para erigir uma grelha de análise compatível com a investigação imagética das matérias e das funções, das coisas e dos valores. Socorrendo-se do método de Husserl, Bachelard impôs a sua marca, uma rubrica no seu quadro

⁷ Id. p. 209. Por outro lado, foi, com efeito, precisamente neste campo temático, a literatura, que Bachelard iniciou a sua *fenomenologia* (que apelidamos de) *dinâmica do imaginário*. Para compreender a imaginação há que articular presentificação e neutralização. Não se afigura suficiente interpretá-las como (apenas) dois processos justapostos. Para a compreender, torna-se necessário analisá-las enquanto unidade conjunta. A imaginação é, portanto, uma modificação de neutralidade ou significação universal susceptível de se aplicar a todas as vivências ou actos da consciência. A imaginação tem que ser analisada enquanto *modificação representativa* (presentificação) e enquanto *modificação qualitativa* (neutralização ou modificação de neutralidade). Nas palavras de Fink: “A imaginação é, antes de mais, uma modificação universal de toda a vida da experiência” (*ob. cit.* p. 36). Ou seja, a imaginação é sempre fundada.

de análise dinamogénica, tanto na poética como na ciência. Para isso coligiu as vertentes principais da escola husserliana, encaminhando-as noutra sentido, canalizando-as para uma teoria dinâmica da simples imaginação, construindo, assim, aquilo a que chamamos a *fenomenologia dinâmica do imaginário*.

Pensar fenomenologicamente, parece-nos, é explicar que toda e qualquer realidade circundante apenas se torna *objecto* quando (enquanto que) preenche os interesses intencionais de um sujeito que quer ou deseja conhecer algo. Daqui se pode explicitar vários graus de preenchimento da consciência. Na verdade, desde a intuição sensível à própria imaginação por si ou livre fantasia, só a análise fenomenológica evidencia, com rigor, no campo da filosofia, as descrições psicológicas necessárias à compreensão racional dos estádios ou graus da consciência e, no que nos interessa, da consciência imaginativa. No caso do fenomenólogo Bachelard, a realidade cumpre tão-só a sua função imaginária quando se torna um *objecto ofensivo*, quando *agride*, na sua materialidade imediata, o *ego* desperto do sujeito do devaneio activo (sonho diurno). A realidade não é/está constituída aos nossos olhos, ela é conquistada. O ser é uma conquista da inteligência! Os objectos recebem, por esta via, o seu justo «coeficiente de adversidade», caso contrário passamos ao lado da própria existência. Na verdade, tais traços da (nossa) vida psicológica não foram suficientemente explicitados pela teoria fenomenológica da intencionalidade. Esta, pela sua excessiva formalidade, torna-se insuficiente para, por si só, poder dar conta desse *factor de agressão* das coisas. Os exemplos dos fenomenólogos não evidenciaram, ainda, aquilo a que o autor chama, em *L'Eau et les rêves*, os «graus de tensão da intencionalidade»⁸.

Admite-se que uma excessiva intelectualidade da análise fenomenológica é susceptível de nos obrigar à pura descrição das *formas* presentes à consciência, descurando as *forças* ou um tipo outro de intenções que ocasionam, na vida íntima do sujeito, variadas experiências. Há, pois, que repensar os graus de tensão da intencionalidade, evitando, assim, uma excessiva formalização intelectualista, sob pena de se deixar escapar um modo outro de compreensão do mundo, a sua *provocação*, coisa que, bem entendido, nada convém ao pretendido rigor do fenomenólogo dinâmico. «Faz falta, por sua

⁸ «[...] la *réalité* ne peut être vraiment constituée aux yeux de l'homme que lorsque l'activité humaine est suffisamment offensive, est intelligemment offensive. Alors tous les objets du monde reçoivent leur juste *coefficient d'adversité*. Ces nuances activistes ne nous paraissent pas avoir été suffisamment exprimées par "l'intentionnalité phénoménologique". Les exemples des phénoménologues ne mettent pas assez en évidence les degrés de tension de l'intentionnalité; ils restent trop "formels", trop intellectuels" (Bachelard, G., *L'Eau et les rêves. Essai sur l'imagination de la matière* [1942], Paris, J. Corti, 1981, p. 213). Este tema da *agressividade* foi por nós desenvolvido, a propósito do elogio sartreano a *L'Eau et les rêves*, no nosso estudo *A Imaginação Material*, Lisboa, Universitária Editora, 2000, Cap. IV.

vez – diz o autor – uma intenção formal, uma intenção dinâmica e uma intenção material para compreender o objecto na sua força, na sua resistência, na sua matéria, ou seja, totalmente»⁹.

Conclusão: a norma ou o modelo racional da intencionalidade da consciência imaginante (a *forma*), pode, involuntariamente, contribuir para descurar o vigor material ou a potência dinâmica da *força* dos objectos que nos *agridem* (da sua *matéria*, portanto). Por outro lado, o acto de conceptualização não será entendido como obstáculo à imaginação, a partir do momento em que se considerarem as três instâncias acima referidas.

O mundo, antes de ser algo que pura e simplesmente *está aí* para ser visado, é uma matéria resistente que *provoca* o eu. Por paráfrase de Schopenhauer, poderia dizer-se que «O mundo é a minha provocação!» «Eu compreendo o mundo – explica-nos Bachelard em *L'Eau et les rêves* – porque o *surpreendo* com as minhas forças incisivas, com as minhas forças dirigidas, na justa hierarquia das minhas ofensas, como alegres realizações da minha cólera, da minha cólera sempre vitoriosa, sempre conquistadora. Enquanto fonte de energia, o ser é uma cólera *a priori*».¹⁰ A cada elemento a sua cólera, ou provocação específica. Porque a adversidade das coisas é constantemente sublimada mediante variadíssimos tipos de devaneio (v. g. o devaneio do poder pessoal), e porque se defende a sua interpretação pela fenomenologia dinâmica do imaginário, cada devaneio deverá ser aferido pelo seu elemento respectivo. Enfim, a cada substância uma resposta temperamental.¹¹

A imaginação dinâmica particulariza os complexos primitivos numa experiência *estética*, sensível, projectada pela vontade. Na sua luta com a resistência dos elementos, refere Hyppolite,¹² a imaginação humana consagra

⁹ «Il faut à la fois une intention formelle, une intention dynamique et une intention matérielle pour comprendre l'objet dans sa force, dans sa résistance, dans sa matière, c'est-à-dire totalement» (*L'Eau et les rêves*, p. 214).

¹⁰ «Nous achèverons donc la leçon de Schopenhauer, nous additionnerons vraiment la représentation intelligente et la volonté claire du *Monde comme volonté et représentation*, en énonçant la formule: *Le monde est ma provocation. Je comprends le monde parce que je le surpréends* avec mes forces incisives, avec mes forces dirigées, dans la juste hiérarchie de mes offenses, comme des réalisations de ma joyeuse colère, de ma colère toujours victorieuse, toujours conquérante. En tant que source d'énergie, l'être est une colère *a priori*» (*id. ibid.*).

¹¹ Os quatro elementos especificam quatro tipos de terapêuticas. Bachelard exemplifica com a análise dinamogénica da marcha do caminhante contra o vento (como o *Zarastustra* de Nietzsche) e da sua relação com a vontade de poder – algo apropriado para combater o complexo de inferioridade; ou da vontade que dinamiza o nadador a superar o seu medo primordial, infantil, das águas que o seduzem, que o *provocam* pela beleza, frescura, etc. mas, por outro lado, que o hostilizam, que lhe oferecem a vertigem do «salto no desconhecido» (Cf., *ob. cit. pp.* 216-24).

¹² Cf. Hyppolite, J., «Gaston Bachelard ou le romantisme de l'intelligence», in *Hommage à Gaston Bachelard*, Paris, PUF, 1957, p. 21.

uma relação originalmente defendida por Bachelard, a relação do onirismo com a vontade humana. A imaginação dá ânimo a pequenas, mesmo pobres experiências individuais. Porque as reflecte no plano de um *cosmos* com o qual o sujeito *simpatiza*, dinamiza-as. É o caso da imaginação dinâmica das águas.

Psicologia e fenomenologia! Eis, portanto, as suas duas mestras, e não forçosamente por esta ordem. Mas, como todo o bom discípulo, Bachelard assimilou para rejeitar posteriormente. Por um lado, a atitude fenomenológica bachelardiana encontra-se subsidiária da própria fenomenologia de um modo geral, divergindo menos na forma do que nos conteúdos, verificando-se, assim, tão-só uma oposição subalterna ainda que singular no seu modo de actuação, e não poucas vezes com algum acinte mais sério – ou, como bem nota Clémence Ramnoux, adoptando os seus conceitos, «com uma divergência de método suficiente para os recriar».¹³ Por outro lado, a recriação de conceitos passa, de igual modo, pela psicologia, melhor, pela escola psicanalítica. A partir desta última, Bachelard privilegiará a hipótese, a novidade, de uma psicanálise aplicada tanto à actividade consciente do trabalho científico, como ao devaneio inconsciente, conceptualizando, para isso, aquilo a que chamou uma «difemenologia», a saber, uma situação dual de análise que contempla, ao mesmo tempo, a fenomenologia da «tomada de consciência ela-mesma», e a fenomenologia de uma «abafada persistência do inconsciente» na constituição, e elaboração, das imagens materiais.¹⁴ Ora, semelhante projecto, e porque, como refere Jean Starobinski, «nenhuma fenomenologia escapa à necessidade da conceptualização», obriga a cindir a própria *ciência* criada por Husserl, retirando-lhe «o direito de ser um sistema unificado de descrição»¹⁵ – obrigando-a nesta polémica perspectiva a admitir além da *descrição*, a *interpretação* e a própria *criação*.

Optar por uma nova atitude fenomenológica – o exame dinamogénico – implica também uma mudança de direcção, um desvio, em relação à própria

¹³ Cf. Ramnoux, C., “C’est ainsi qu’il se laisse séduire par la phénoménologie, dont il adopta, tenta, adapta les concepts avec une divergence de méthode suffisante pour les recréer” (“Variations bachelardiennes sur le verbe être – Esquisse d’une seconde descente aux enfers”, in *Gaston Bachelard, profils épistémologiques*, Canada, Ottawa, 1987, p. 145).

¹⁴ Esta é uma ideia expressa em 1953, depois da sua tetralogia dos elementos. Encontramo-la em *Le Matérialisme Rational*, Paris, Quadrige/Puf, 1990, (1ª Ed. 1953): “A ce point de virement de l’inconscient et du conscient, les recherches de C. G. Jung nous permettent de poser la double perspective d’une diphenoméologie, d’une phénoménologie qui révèle, d’un côté, la prise de conscience elle-même, l’ascétisme de la conscience qui trouvera sa joie dans les disciplines scientifiques – et une phénoménologie qui reconnaît d’un autre côté, la sourde persistance de l’inconscient, l’avidité jamais satisfaite de rêveries inconscientes» (p. 49).

¹⁵ “Aucune phénoménologie n’échappe à la nécessité de la conceptualison. [...] En parlant de “diphenoméologie”. Bachelard scinde la phénoménologie, et lui retire le droit d’être un système unifié de description.» (Starobinsky, J., «La double légitimité», in *Revue Internationale de Philosophie*, n° 150, 1984, p. 234).

psicologia geral, no mínimo, em relação à psicologia descritiva. Bachelard deseja, igualmente, substituir o severo tecnicismo, ainda que científico e rigoroso, da psicologia, nomeadamente da psicanálise, por uma fenomenologia dinâmica. Uma fenomenologia à qual convém a negação, a crítica do demasiado pitoresco das imagens e das razões temerárias e *obrigatoriamente* claras, talvez por isso vulgarmente aceites, da reflexão psicológica. «O psicólogo da vida dinâmica, explica o autor em *L'Air et les songes*, deve, pois, emprender uma psicanálise especial para se defender, ao mesmo tempo, contra as razões demasiado claras e contra as imagens demasiado pitorescas».¹⁶

4. Para uma nova atitude fenomenológica

Detenhamo-nos agora numa questão prévia: a possibilidade de um *desvio* da atitude filosófica, mais especificamente, mudança de atitude por relação à filosofia fenomenológica tradicional.

Há que defender, então, que o fenomenólogo autêntico deve tornar-se num homem sistematicamente modesto (como refere o filósofo logo nas primeiras páginas de *La poétique de l'espace*, em 1957), digamos, aquele cuja *obsessão* é a descrição. Daí a apologia de uma fenomenologia mais apurada, completa, «decididamente elementar». O objectivo primeiro de semelhante opção enreda-se numa constante, a saber, uma atitude filosófica de analítica estética. Mas nada mais indicado para decompor o todo em partes do que a actividade enumerativa ou narrativa do filósofo cujo método é a fenomenologia, ou melhor, cuja atitude filosófica é a atitude fenomenológica. Tal gesto directamente aplicado à imagem material obriga, àquele que pretende estudar o tipo de imaginação daí decorrente, a uma contenção da crítica demasiado fácil ou da resposta angustiadamente conclusiva. Sugere a contemplação activa antes da síntese interpretativa. O olhar antes do juízo.

Considerando a ontogénese cognitiva do ser-humano, o mundo circundante é, para Bachelard, e enquanto imagem por representação física, dado de modo simples, de modo simplesmente sincrético, ainda antes de ser objecto de uma representação conceptual. Este primitivismo estético das matérias, digamos assim, identifica-se com o onírico puro – objecto de estudo daquilo a que chamamos *dinamologia*. O homem é *visão pura*, antes de ser o sujeito de uma representação intelectual. Há que restituir à imagem o seu psiquismo primitivo, uma «finalidade imediata». Seguir a fórmula que adopta uma básica condição de possibilidade para a actividade dinâmica do

¹⁶ «Le psychologue de la vie dynamique devra donc entreprendre une psychanalyse spéciale pour se défendre à la fois contre les raisons trop claires et contre les images trop pittoresques.» (Bachelard, G., *L'Air et les songes. Essai sur l'imagination du mouvement* [1943], Paris, J. Corti, 1981, p. 33).

fenomenólogo da imaginação: a imagem pela imagem.¹⁷ A imagem é «o símbolo de si mesma», diria Novalis.¹⁸ Não possui, pois, uma representação fora de si própria, valendo, assim, como entidade autónoma a descrever.

E movemo-nos, por conseguinte, numa dimensão psicológica delicada, o campo de uma *fenomenologia mínima*. *Delicada* por causa da sua predominância, enquanto forma privilegiada mais estável e mais frequente entre todas as outras possíveis, e também pelo acervo quantitativo das suas ocorrências práticas. Uma fenomenologia que, pretendendo conhecer a abundante produção de imagens é, em primeiríssimo lugar, relevante da análise de qualquer devaneio activo de alguma contemplação primeira, de alguma impressão primordial. Por outro lado, não atende senão aos fenómenos da imaginação, restringindo-se ao mundo da imagem da consciência imaginativa¹⁹. É, por exemplo, ao descrever a produção imagética da consciência emanada da paisagem do céu azul, que se refere, por via desta imagem material, tal devaneio como uma *fenomenologia sem fenómenos*. De outro modo, como uma análise reduzida a um *minimum minimorum* da actividade imaginativa do *ego*. Análise essa entregue a uma imaginação cujo objecto se encontra suprimido da sua moldura física de coisa tridimensional e, concomitantemente, substituído pelo simples valor dinâmico da representação sensível da *imensidade* subjacente à cor, aquilo a que Bachelard chama uma “imaginação sem imagens”²⁰ – o que ultrapassa, pela sua carga onírica, a simples imaginação das formas.

Que não se confunda, no entanto, o momento activo de supressão, ou purificação, do conteúdo imagem-coisa da consciência do sujeito que imagina contemplando o céu azul, com um vazio de consciência, como, eventualmente, a expressão «fenomenologia sem fenómenos» poderia erradamente sugerir. Como sabemos, é absurda a ideia não de uma consciência do vazio, mas de uma consciência vazia. Toda a consciência é consciência de qualquer coisa, melhor, de qualquer fenómeno. Portanto tal prática imagética que se presta de modo mais directo à imagem material do céu azul, límpido, ou da imensidão íntima ou exterior, e apesar de correr o risco do paradoxo – de uma imaginação da qual todas as imagens teriam sido suprimidas – demonstra bem uma vontade de lucidez que toma corpo numa espécie de *terapia* (da imaginação) material.

¹⁷ «Il faut rendre a l'image son psychisme primitif. L'image pour l'image, telle est la formule de l'imagination active. C'est par cette activité de l'image que le psychisme humain reçoit la *causalité du futur*, en une sorte de *finalité immédiate*.» (*L'Air et les songes*, p. 193).

¹⁸ «Bild – nicht Allegorie, nicht Symbol eines Fremden: Symbol von sich selbst» (Novalis, *Fragmentos*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1992, p. 49).

¹⁹ Poderia analisar-se, para este tema, as pp. 168 e ss. de *La poétique de l'espace* [1957], (Paris, Quadrige/Puf, 1989) onde se estuda a imagem material da *imensidade* como, por si só, estimuladora da natural actividade da imaginação.

²⁰ *L'Air et les Songes*, p. 195.

Por esta via se mantém uma dinâmica de intensificação do *ego* desperto e não do *ego* adormecido, ou da letargia ausente, da imaginação – *ego* absorvido da imaginação. As imagens ajudam-nos a descrever a intimidade do nosso mundo psíquico, dos nossos segredos, dos pequenos ou grandes medos, desejos inconscientes, etc. À fenomenologia cabe o papel de assumir a fundamental importância dos fenómenos psicológicos que pretende esclarecer, a saber, todas as imagens primordiais – as imagens materiais mas também as literárias, enfim, as oníricas de um modo geral. Tal actividade heurística não pode ser mole, preguiçosa, passiva. Cabe-lhe a função de evidenciar a diferença entre o natural e o fabricado, entre a imagem vivida e a imagem enganosa que, por artifício da inteligência, pode repelir a ingenuidade das imagens primeiras. Estas são o trabalho de campo, por assim dizer, da fenomenologia dinâmica do imaginário. De uma fenomenologia que se quer objectiva, pelo menos no que diz respeito ao método adoptado na análise da imaginação dos quatro elementos naturais, a saber, a descrição de todo o dado material enquanto *positum* factual que, do mundo exterior, agride ou impulsiona o sujeito que o tematiza e trabalha (não enquanto cientista, mas enquanto sujeito do devaneio activo²¹).

Devemos, de igual modo, sublinhar que a originalidade de Bachelard nestas questões releva, no nosso ponto de vista, daquilo que ele teorizou como *topoanálise*, quer dizer, uma reflexão que, ao englobar a psicologia descritiva (pelos seus materiais conceptuais) e a fenomenologia (pelo seu método), permite, assim, um “estudo psicológico sistemático das situações da nossa vida íntima”²². A topoanálise trará alguma luz para as estruturas antropológicas do imaginário – como refere Aguiar e Silva²³ – para esses

²¹ Refira-se, a propósito do Bachelard-homem-da-ciência, o *materialismo racional*, uma interessante tese do pensamento científico bachelardiano tardio, que também poderia dar conta do exame fenomenológico do trabalho industrial de algumas matérias mais por assim dizer civilizadas, como o plástico por exemplo. Este tema já referido por Bachelard, em *La terre et les rêveries du repos. Essai sur les images de la intimité* [1948] – Paris, J. Corti, 1992, p. 43- alguns anos antes da edição dessa obra fundamental de epistemologia (*Le Matérialisme Rationel* [1953]), reflecte a preocupação constante de um licenciado em matemática e doutor em letras – que se encontra, na altura, no papel de um professor catedrático de história e filosofia das ciências – ou seja, a tentação de um formador de espíritos científicos, pela fenomenologia dinâmica do imaginário. No entanto, acerca do trabalho primitivo das matérias, a interpretação é outra. Elas sugerem imagens e estas pertencem ao campo da “fenomenologia do contra”, ou do *não*, se se preferir. A fenomenologia do contra, ao admitir a análise dinâmica, proporciona uma compreensão rigorosa, mais clara, da relação de compromisso existente entre a matéria e a acção (*contra* a qual) que o sujeito nela resolve efectuar, do compromisso entre o sujeito e o objecto (*La terre et les rêveries du repos*, p. 79).

²² *La poétique de l'espace*, p. 27.

²³ Aguiar e Silva (Vitor), num trabalho considerado, na vida académica, como um referente bibliográfico obrigatório (*Teoria da Literatura*, Almedina, Coimbra, 1984) escreve: «Tais descrições [que pululam nos romances], que contribuem de modo relevante, pelas suas co-

valores tão profundamente enraizados no inconsciente humano. A literatura está impregnada deles. E decerto que encontraremos, em alguma produção filosófica de épocas passadas (e porque não nas recentes), imagens sugeridas por qualquer devaneio mais pessoal, e outras tantas teses menos objectiváveis pelo discurso da autoridade académica.

Mediante esta topoanálise, poderíamos, por exemplo, contribuir para a elucidação da problemática psicanalítica do comportamento projectivo. De facto, ocasionada no inconsciente, tal atitude extrovertida, «sempre pronta a exteriorizar as suas impressões íntimas», daria, desta sorte, para um estudo acerca do *valor*, ou melhor, acerca da categoria axiológica da desiderabilidade ou desideratividade. Aqui, o comportamento projectivo seria particularizado, no momento em que se encontrasse e definisse, em relação ao valor subjectivo de alguma pessoa, escritor, filósofo, cientista, etc., o seu correlativo ontológico, o seu *devaneio de objecto*. Mais, as imagens produzidas pelo sujeito do devaneio projectante seriam topoanalisadas pela perspectiva do valor objectivo, a saber, por referência àquilo a que, circunstanciadamente, ele dedicaria mais ou menos *estima material*. Na sua primeira *Poética*, escreve Bachelard: «O espaço apela à acção e antes da acção a imaginação trabalha. Ela ceifa e lavra. De todas essas acções imaginárias, seria preciso falar dos seus benefícios. A psicanálise multiplicou as suas observações acerca do comportamento projectivo, acerca dos caracteres extrovertidos, sempre prontos para exteriorizar as suas íntimas impressões. Uma topoanálise exteriorista precisaria, eventualmente, esse comportamento projectivo, definindo os devaneios de objecto»²⁴. E, neste sentido, a topoanálise seria uma *topo-filia*.

Um tópico conclusivo: apesar de a imaginação das matérias sobressair mais directamente de uma dinamologia do que de uma fenomenologia, já que todo o fenómeno revela uma substância activa, ela traduz, pelo menos na genealogia de alguns (primeiros) momentos, não tanto uma fenomenologia descritiva como uma *ontologia das substâncias*.²⁵ A observação e a descrição circunstanciadas, essas preciosas etapas para o pensamento dinamogé-

nexões anafóricas e catafóricas, para a coerência do texto narrativo, estão placentariamente associadas às “estruturas antropológicas do imaginário” e a sua interpretação, nesta perspectiva, cabe à topoanálise, assim definida por Bachelard: “L’étude psychologique systématique des sites de notre vie intime”» (p. 742).

²⁴ «L’espace appelle l’action, et avant l’action l’imagination travaille. Elle fauche et laboure. De toutes ces actions imaginaires, il faudrait dire le bienfait. La psychanalyse a multiplié ses observations sur le comportement projectif, sur les caractères extravertis toujours prêts à extérioriser leurs impressions intimes. Une topo-analyse extérioriste préciserait peut-être ce comportement projectif en définissant les rêveries d’objets” (*La poétique de l’espace*, p. 30).

²⁵ «L’imagination matérielle finalement ne relève pas d’une phénoménologie, mais, comme nous le montrerons dans bien des occasions, d’une dynamologie” (*La terre et les rêveries du repos*, p. 117). E, numa outra passagem, “Pour l’imagination matérielle, toute phénoménologie révèle une ontologie, tout phénomène a sa substance” (*id.* p. 236)

nico são, muito provavelmente, as únicas tarefas fundamentais que o aprendiz de fenomenólogo *pode* realizar. O trabalho do fenomenólogo dinâmico não impede, no entanto, que se transponha essa circunspecção heurística da observação e da descrição, para um terreno intelectual mais sistematizado e conducente a eventuais ilações que nos primeiros passos da investigação (ainda) não se evidenciavam.

De um modo geral, a análise dinamogénica considera que, seguidamente ao rigor de um desprezioso exame, surja o momento da interpretação, de uma classificação mais tranquila. Com efeito, e como temos tentado esclarecer, se Bachelard bebeu da escola fenomenológica, foi para a adoptar ao seu pensamento próprio. Para a subsumir num interessante eclectismo dialéctico²⁶ e depois deixá-la, aliás, como não poderia evitar, incólume na sua dignidade académica.²⁷ A fenomenologia bachelardiana não pretende, exclusivamente, uma descrição da relação noético-noemática da pura consciência com o mundo-fenómeno. À fenomenologia cabe, agora, um estatuto cuja função diverge da clássica atitude neutra de *receber o dado*.

Na verdade, o objectivo do fenomenólogo, e no caso específico do imaginário, é *a-presentar* toda a tomada de consciência de uma imagem expressa (literária) pelo acto (neutro) da imaginação. Nega-se, deste modo, o risco de uma «fenomenologia da passividade», a saber, a (tão desejável!) idealização de uma recepção *pura* dos fenómenos empíricos que se representam na consciência imaginativa, divorciada de toda a participação pessoal (*criativa*) nesse mesmo acto imaginativo²⁸. E Bachelard é muito preciso neste assunto. Com toda a razão, adverte ele (especialmente o psicólogo) que «Contrariamente ao contra-senso bastas vezes efectuado, lembremo-nos que a fenomenologia não é uma descrição empírica dos fenómenos. Descrever empiricamente seria uma servidão ao objecto, elaborando-se uma lei que manteria o sujeito na passividade»²⁹.

²⁶ Veja-se o nosso artigo: «A Dialéctica em Gaston Bachelard», Revista *Vértice*, 103, Nov.-Dez. 2001.

²⁷ Por outro lado, o autor considerava, pelo menos desde a edição de *L'Activité rationaliste de la physique contemporaine*, em 1951 – Paris, Puf, (2ª Ed.) 1965 – que a fenomenologia contemporânea teria perdido a “pureza husserliana” (p. 2). Se bem que esta tese fosse dirigida, particularmente, à análise do trabalho do pensamento científico, nomeadamente do trabalho do laboratório, consideremos, apesar disso, esta por assim dizer *apologia husserliana*, de igual modo direccionada para a análise do trabalho estético.

²⁸ Reveja-se a interpretação-base do bachelardismo: a imaginação é um tipo de intencionalidade da consciência, transformável consoante a sua livre adequação ao conjunto de todos os objectos representados por essa consciência e defendida, na sua liberdade criadora, como um valor de sociabilidade através da produção de uma obra.

²⁹ «Au delà du contresens souvent fait, rappelons que la phénoménologie n'est pas une description empirique des phénomènes. Décrire empiriquement serait une servitude à l'objet, en se faisant une loi de maintenir le sujet dans la passivité. La description des psychologues peut sans doute apporter des documents, mais le phénoménologue doit intervenir

É certo que toda a realidade, para ser percebida, pressupõe, *naturalmente*, uma consciência pois, todo o objecto é mais visado do que dado, e, assim, a intenção (*Meinen*) é sempre maior do que a realidade. Existe, para todos os efeitos, um *fosso* entre a consciência e a realidade, e esta só tem o sentido que se lhe conferir – e o sentido fixa-se portanto pelo visado noemático (de objecto), podendo significar (pela expressão) todo o existente real ou todo o ser imaginado. Por outro lado – como o autor terá, eventualmente, aprendido com Husserl – a existência de algo «não condiciona a existência da consciência» – pois, qualquer natureza, é sempre um correlato ou um «encadeamento ordenado» desta última.³⁰ Qualquer dos modos – crítica o autor – o sujeito não deve reduzir a sua actividade a uma espécie de *visar algures*, a uma gratuitidade dos actos visados³¹.

E é daqui que parte a crítica bachelardiana à fenomenologia clássica, nomeadamente no que diz respeito ao conceito de visado (*Meinung*). Escreve Bachelard: «Os visados contraditos por uma experiência da matéria provocam desarmonias na intencionalidade, mesmo descoordenações do ser vivo. À gratuitidade dos actos do simples visado faz eco a absurdidade do mundo visado. O pensamento não trabalha mais sobre o obstáculo; não insiste numa experiência determinada; não prolonga o esforço para além dos primeiros

pour mettre ces documents sur l'axe de l'intentionnalité.» (*La poétique de la rêverie* ([1960], Paris, Puf, 1989, p. 4).

³⁰ «Existenz einer Natur kann Existenz von Bewusstsein nicht bedingen, da sie sich ja selbst als Bewusstseinzusammenhängen herausstellt konstituierend» (Husserl, *Ideen I*, § 51, p. 96).

³¹ Bachelard pretendeu um esclarecimento acerca daquilo que Husserl conceptualizou como «visado». Mas antes de avançarmos na leitura bachelardiana, queremos referir, resumidamente, o que este último filósofo entende por *visado*: a) todo o objecto («o noema próprio do querer» – “ein Wollen eigenes Noema”) a que a esfera volitiva da consciência alude, mais precisamente, a ideia de “visado volitivo” (*Willensmeinung*) – cf. Husserl, *Ideen I*, § 95, p. 199; b) este objecto visado, tal como é visado pelo eu pensante (*cogito*), ou seja, como pura significação ou a simples visada da consciência, permite ou pretende ultrapassar e eliminar as tendências subjectivas do *cogito*, procura a objectividade do pensamento (cf. *ob. cit.* o início do § 130, p. 269). Aliás, como já sabemos, a intenção do autor das *Ideias* é a da captação racional (fenomenológica) do sentido noemático (objectivo), ou do sentido dos objectos que estão no mundo considerados no *como* das suas determinações, quer dizer, no visado enquanto tal (cf. *ob. cit.* § 134, p. 276) – dar sentido (*Sinnggebung*) a todo o tipo de ser, só se torna possível, pelo ego que encontra a própria intencionalidade que o constitui descobrindo, simultaneamente, o “valor existencial” da multiplicidade heterogénea (do «outro»). Por outro lado, e mais de acordo com o que nos interessa, só pela explicitação do sentido de qualquer *ser outro*, pode o ego da consciência intencional visar, pela imaginação, esse objecto. Por conseguinte, falar de um visado enquanto tal é falar de uma consciência que *está* numa posição anterior a toda a realidade material, se bem que apenas exerça a sua função quando preenchida pelos fenómenos que *lhe aparecem*. Enfim, a realidade do mundo em que vivemos – o conjunto de todos os objectos espaço-temporalmente determinados – possui, para o filósofo alemão, um ser puramente intencional, um *ser para uma consciência*. E a própria consciência esgota-se na intencionalidade ou *intentio*, ou seja, nesse acto doador originário (*sinngebender Akt*).

insucessos; compraz-se na sua liberdade de visar algures. Ser livre é ir enleiar-se noutro lado, mais tarde, de outra maneira»³².

Esta peculiar atitude fenomenológica do autor renova, no nosso ponto de vista, a dimensão da própria fenomenologia aplicada à imaginação. A mera aquiescência com semelhante *gratuitude*, descurando esse factor *de agressividade das coisas* – elogiado por Sartre – nega a possibilidade de uma consciência que, apenas na sua dimensão de resposta a um *obstáculo*, pode, alguma vez, vir a ser criativa. A fenomenologia tem de intervir positivamente no material da imaginação, ultrapassando a mera descrição psicológica. Bachelard defende uma «atitude prospectiva», um desejo consciente de «vigilância atenta», o que lhe permitirá tomar a imagem não como simples simulacro ou *resumo* empírico.³³ Ele colocará a imagem (o mundo do devaneio) no centro de todo o psiquismo, fazendo-a diferir do mundo real mas ultrapassando o perigo do *autismo* pela imaginação criadora, pelo acto de comunicar o produto da intencionalidade do ego desperto da imaginação material.

De resto, não é novidade alguma, na história da filosofia, toda a dialéctica negadora da instância do *Majister dixit*, toda essa trama de influências, repúdios e afastamentos, pelo menos momentâneos, de alguma tese ou de algum método anteriormente aceite.

5. Conclusão

Ao serem objecto de um devaneio activo, os elementos materiais constituem-se apenas enquanto potências oníricas que oferecem uma solidez ao pensamento conferindo-lhe uma organização mental, ou uma disposição para um método que se quer consciente das suas reais limitações analíticas e ontológicas, e que se transcenda ou seja comunicado ao *outro*. Desta sorte, nenhuma realidade ou ideia se perde. «Se as coisas põem em ordem as nossas ideias, diz Bachelard, as matérias elementares põem em ordem os nossos sonhos»³⁴. Semelhante topoanálise, permite a Bachelard efectuar uma (re)criação comentada dos *valores materiais* da nossa cultura. E estes valores materiais poderiam ser definidos do modo seguinte: toda a apreciação trans-

³² «Les visées contredites par une expérience de la matière provoquent des désharmonies dans la intentionnalité, voire des décoordinations de l'être vivant. A la gratuité des actes de simple visée fait l'écho l'absurdité du monde visé. La pensée ne travaille plus sur l'obstacle; elle ne persiste pas dans une expérience déterminée; elle ne prolonge pas son effort au delà des premiers échecs; elle se complaît dans sa liberté de viser ailleurs. Être libre, c'est aller se faire embarrasser ailleurs, plus tard, autrement" (*Le Matérialisme rationnel*, p.11).

³³ Cf. Bachelard, G., *Études*, recueil posthume de cinq textes présentés par G. Canguilhem, Paris, PUF, 1970, p. 34.

³⁴ «Si les choses mettent en ordre nos idées, les matières élémentaires mettent en ordre nos rêves" (*L'Eau et les rêves*, p. 182).

subjectiva que é produzida pelos homens (na literatura, na filosofia, na ciência, e nas próprias imagens individuais que daí advêm) em relação aos quatro elementos naturais e às suas leis dinâmicas (a lei da combinação; da miniaturização; etc.), resultante de uma incontornável atitude inconsciente que antropomorfiza as coisas com um *sentido humano*. Seja, para indicar alguns dos muitos exemplos possíveis, a tranquilidade, a pureza ou a «melancolia das águas adormecidas»; a cura pela água (que lava; que é uma bebida elementar, etc.); a violência do oceano; a paz ou a morte marinha. Seja toda a simbologia (topoanalítica) conflituosa, dual, do viscoso, da repugnância ou enjoo dos objectos pegajosos (a massa, a pasta, a argila, o lodo); a resistência das matérias e a sua passividade. Seja ainda a (terapia da) «marcha contra o vento» ou a «observação hipnotizada» do fogo.

Com efeito, como presentificação neutralizada de um objecto de um acto perceptivo anterior, a imaginação dinâmica pretende, inclusive, ultrapassar o «sentido figurado» das coisas (este ainda alberga o *peso* da mera sensibilidade³⁵), para se preocupar com a determinação das imagens dessa outra matéria que *persiste*. Busca-se o caminho de uma fenomenologia dinâmica dos puros estados da consciência imaginativa.

Independentemente das considerações que se possam tecer sobre a topoanálise bachelardiana, devemos, no decurso da nossa investigação, admitir o termo «dinâmica» segunda a sua definição corrente de *força*,³⁶ tónus vital ou primeiro. E para perceber esse «tropismo» das imagens materiais, teremos de as captar mediante um acto mais específico da própria consciência produtora de imagens. Tal não é possível sem uma tematização do *ego* desperto da consciência imaginativa sobre si mesma, reflectindo acerca das condições fenomenológicas *reais* ou o modo como as imagens aparecem ao sujeito, a saber, se ele próprio as constrói por recorrência onírica ou se, tão simplesmente, as *re-produz*. Investigando, no fundo, qual a rede de significados imagéticos presentes em determinada situação psicológica *íntima*. O rigor desta atitude exige uma vontade, um projecto para o *compromisso dinâmico*, melhor, para um exercício imaginativo que vise o trabalho efectivo da matéria. Só uma disposição vígil do espírito o poderia fazer: para além da contemplação, o espírito aceita a provocação das coisas visto que toda a imagem, por si mesma, se desenvolve de modo *positivo*, fazendo assim aumentar o seu vigor psíquico. Daqui se segue que toda a imagem é psicotrópica e engrandecendo a sua acção estabelece o papel que lhe convém: o de se assumir como um *acelerador do psiquismo*, algo que

³⁵ Cf. ob. cit., p. 198.

³⁶ Mesmo no sentido miliciano de *dynamis* (força activa nas coisas) ou no sentido platónico de *dynamis* (potência (*pathe*) na sua relação com os elementos – Cf. Tim. 33a), ou ainda «princípio de movimento e mudança» em Aristóteles (Met. 1019), este conceito possui em Bachelard uma recorrência constante a um *poder* intrínseco à matéria que realiza no sujeito a imaginação material.

por assim dizer alimenta a audácia do onirismo desperto da consciência imaginativa.³⁷

Devemos, neste momento, recapitular que as imagens primeiras ou fundamentais, as realidades dinâmicas primordiais, encontram-se invariavelmente ligadas à vivacidade da tetralogia das matérias e nelas há que reflectir metodicamente, para que se possa elaborar uma topologia que servirá de base a uma (nova) doutrina do imaginário.

Toda a imagem material, dinamicamente vivida, se forma enquanto desvio do ser imediato e enquanto aprofundamento do ser superficial. Diz o autor: «Uma imagem material dinamicamente vivida, apaixonadamente adoptada, pacientemente examinada, é uma *abertura* em todo o sentido do termo, no sentido real e no sentido figurado. Ela assegura a realidade psicológica do figurado, do imaginário. A imagem material é uma ultrapassagem do ser imediato, é um aprofundamento do ser superficial».³⁸

Toda a imagem material deve, portanto, o seu estatuto à sua dinamogénese. A imagem material, na sua origem, possui a capacidade de surpreender o homem no mundo da matéria e das forças, suscitando-lhe, com maior ou menor subtilidade, o seu *neikos*, o seu polivalente ardor combativo, por assim dizer. E, por esta via, o devir activo do sujeito é orientado segundo a dinâmica desse seu *existencialismo da força*³⁹. Para o reiterar de outro modo, podemos dizer que a tetravalência da imaginação material se joga no compromisso dinâmico activo e consciente do sujeito com o *coeficiente de adversidade* das coisas, de modo breve, numa *fenomenologia do contra*. De modo mais explícito, «A resistência do mundo – esclarece-nos Bachelard a propósito da *mão* e da *ferramenta* – não é mais do que uma metáfora, não é mais do que uma “obscuridade”, uma irracionalidade. A palavra *contra* possui, então, um aspecto de topologia: o quadro está contra o muro. A palavra *contra* não possui alguma virtude dinâmica: a imaginação dinâmica não a anima, não a diferencia. Mas se tivermos uma faca nas mãos, logo entende-

³⁷ «*Toute image est positive. Toute image se développe positivement en augmentant d'éclat, en augmentant de poids, en augmentant de force*» (*La terre et les rêveries du repos*, p. 269). E em *La poétique de la rêverie* ([1960], Paris, Puf, 1989, p. 136): «Ils [os poetas] nous nourrissent des images avec lesquelles nous pouvons concentrer nos rêveries de repos. Ils nous offrent leurs images psychotropes par lesquelles nous aimons un onirisme éveillé». O psicotropismo revela-se logo na linguagem, e por isso é fundamental (v. g. palavras como *amontoar* (*amasser*), *irradiar* (*rayonner*), *fluir* (*couler*) e *rodopiar* (*tourbillonner*) etc., mostram bem o efeito dinâmico, ou o tropismo da linguagem material – leia-se, a propósito, a excelente C. Rammoux: “Variations bachelardiennes sur le verbe être”, In *Gaston Bachelard, profils épistémologiques*, Ottawa, 1987, pp. 145-55).

³⁸ «Une image matérielle dynamiquement vécue, passionnément adoptée, patiemment fouillée, est une *ouverture* dans toute les sens du terme, dans le sens réel, dans le sens figuré. Elle assure la réalité psychologique du figuré, de l'imaginaire. L'image matérielle est un dépassement de l'être immédiat, un approfondissement de l'être superficiel» (*La terre et les rêveries du repos*, p. 32).

³⁹ Cf. *ob. cit.* p. 39.

remos a *provocação* das coisas». ⁴⁰ A imaginação material compromete-nos dinamicamente: descreve e comprova a actividade específica evidente na produção imagética primitiva originada pelos elementos físicos.

Levantemos agora algumas questões que ficarão por resolver (neste trabalho): será verdade que, como defende Bachelard, pouco atendemos às impressões materiais-dinâmicas causadas pelos objectos, fixando a nossa atenção mais frequente apenas na forma, numa por assim dizer facilidade vulgar da percepção? E os interesses do fenomenólogo, sentimentos e conhecimentos, não seriam activados, de modo qualitativamente diferente, quando *substancializados* pelas imagens materiais, quando o *impressionismo da matéria* regulasse a sua apetência para as representações imagéticas materiais e dinâmicas? Talvez daqui adviesse a reflexão acerca da puerilidade de boa parte dos actos da nossa consciência imaginativa! Para isso, torna-se indispensável que a substância realize a sua qualidade na *intentio* da consciência do sujeito do devaneio, permitindo-lhe, assim, nessa adesão imaginária a uma matéria, a sua fruição própria. ⁴¹

Finalmente, toda a contemplação é participativa. É esta a coerência da imaginação material: ao não se restringir à forma, à mancha colorida, à estética fácil, portanto, esta espécie de imaginação abre-se ao sonho activo do *ego* desperto da consciência imaginante, ou seja, dialectiza-se mediante a actividade consciente (eventualmente tematizada) do devaneio dinâmico das imagens, que se elevam do mundo empírico das substâncias físicas concretas – e, deste modo, essas imagens se encontram subsumidas no sentido dessa consciência.

O objectivo principal da teoria bachelardiana da imaginação das matérias consolida-se, por esta via, numa mudança de atitude fenomenológica face às coisas, a saber, o tematizar interpretativo que permite todo um trabalho corrector da imaginação ordinária do senso comum – *rectificação* da imaginação vulgar: «Uma imaginação doente, defende o autor, hesitante, bloqueada, pode ser restituída à sua salutar eficácia, mediante imagens bem dirigidas. Quando a imaginação corre, tudo corre. O psiquismo inteiro retoma coragem. A vida reencontra os seus objectivos e a paixão reencontra a esperança. Pelo sonho, a imaginação possui, daí em diante, um porvir de imagens, todo o psiquismo humano se repõe a funcionar nas suas funções

⁴⁰ «La résistance du monde n'est qu'une métaphore, elle n'est guère plus qu'une "obscurité", guère plus qu'une irrationalité. Le mot *contre* n'a alors qu'un aspect de topologie: le portrait est contre le mur. Le mot *contre* n'a aucune vertu dynamique: l'imagination dynamique ne l'anime pas, ne le différencie pas. Mais si l'ont tient un couteau dans la main, on entend tout de suite la *provocation* des choses" (ob. cit. p. 37).

⁴¹ «L'adhésion imaginaire à une matière réclame d'abord de l'imagination une affirmation en quelque matière tautologique reliant immédiatement le substantif et l'adjectif. Il faut que la substance réalise, sa qualité, qu'elle nous fasse vivre la possession de sa richesse propre" (ob. cit. , p. 303).

humanas mais características: as funções do futuro, as funções que oferecem ao futuro uma causalidade psicológica».⁴²

⁴² «En somme, la méthode repose entièrement sur un *redressement de l'imagination*. Une imagination malade, faible, hésitante, bloquée, peut être rendue à son efficacité salutaire pour des images bien dirigées. Quand l'imagination va, tout va. Le psychisme entier reprend courage, la vie retrouve des buts, la passion retrouve l'espoir. Par le rêve, l'imagination ayant désormais un avenir d'images, tout le psychisme humain se remet à fonctionner dans ses fonctions humaines les plus caractéristiques: les fonctions d'avenir, les fonctions qui donnent à l'avenir une causalité psychologique.» (*ob. cit.* p. 393).

Bibliografia

Obras de Bachelard

- 1942 - *L'Eau et les rêves. Essai sur l'imagination de la matière*, Paris, Librairie José Corti, (17^o reimpressão), 1981.
- 1943 - *L'Air et les songes. Essai sur l'imagination de le mouvement*, Paris, Librairie José Corti, 1943.
- 1948 - *La Terre et les Rêveries de la volonté*. Paris, Librairie José Corti.
- 1951 - *L'Activité rationaliste de la physique contemporaine*, Paris, Puf, 2^a Ed., 1965.
- 1953 - *Le Matérialisme rationnel*, Paris, 1^a Ed. Quadrige/Puf, 1990.
- 1957 - *La poétique de l'espace*, Paris, 4^a Ed. Quadrige/Puf, 1989.
- 1960 - *La poétique de la rêverie*, Paris, 3^a Ed. Quadrige/Puf, 1989.
- 1970 - *Études*, recueil posthume de cinq textes présentés par G. Canguilhem, Paris, Vrin, 1970.

Outras obras consultadas

- Fink, E. - *De la phénoménologie*, traduit de l'allemand par Didier Franck, avec un avant-propos de E. Husserl, Paris, Ed. de Minuit, Arguments, 1974.
- Husserl, E. - *Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie*, erste Buch, Halle a. d. S., Verlag von Max Niemeyer, 1928.
- Hyppolite, J. - «Gaston Bachelard ou le romantisme de l'intelligence», in *Hommage a Gaston Bachelard. Études de philosophie et d'histoire des sciences*, Paris, 1^a Ed. Puf, 1957.
- Novalis - *Fragmentos*, trad. port. de Rui Chafes, ed. bilingue, Lisboa, Assírio & Alvim, 1992.
- Ramnoux, C. - «Variations bachelardiennes sur le verbe être (Esquisse d'une seconde descente aux enfers)», in *Gaston Bachelard, profils épistémologiques*, Presses de L'Université d' Ottawa, 1987.
- Saraiva, M^a., M. - *L'imagination selon Husserl*, Martinus Nijhoff, La Haye, 1970.
- «O primado da percepção e a concepção da obra de arte em Husserl», in *Revista da Universidade de Coimbra*, 1965.
- Silva, V., A. e - *Teoria da literatura*, Coimbra, Almedina, 1984.
- Starobinsky, J. - «La double légitimité», in *Revue Internationale de Philosophie*, n^o 150, fasc. 3, Puf, 1984.

Summary

We intended to contribute with an innovation for the study of the applied phenomenology to the field of the imaginary. It is a group of ideas that will allow to elaborate a phenomenological reading of Gaston Bachelard's aesthetic work. In first place we will approach the husserlian notion of neutrality modification as form of opening road to the interpretation of the bachelardian imagination of the matters. Continuously we will present some theories that demonstrate the possibility of a new phenomenology, the *dynamic phenomenology*. We will end with a type of introduction to another phenomenological attitude based on the *topoanalysis* and in the *awake ego of the active imagination*.
